

5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São três os pontos centrais com os quais busquei dialogar nas conclusões finais ora apresentadas.

O primeiro é uma retomada da trajetória da pesquisa com o enfoque nas principais questões da tríade desta investigação: identidade, território e interculturalidade, que orientaram o meu trabalho de investigação no Colégio Constelação.

O segundo ensaia uma possível resposta para a seguinte pergunta: como a construção de identidades territoriais pode orientar nossa prática pedagógica orientada pela interculturalidade? Este meu segundo ponto não quer condicionar necessariamente a pesquisa a uma aplicabilidade, mas tampouco quero assumir uma postura investigativa totalmente desvinculada com a realidade de nossas escolas, que tanto esperam por orientações possíveis para lidar com os muitos desafios que enfrenta.

Por fim, buscando abrir novas possibilidades para as pesquisas voltadas para a temática da educação intercultural, proponho algumas questões especificamente relacionadas às identidades territoriais, no sentido de como podem ser desafiadas pelos processos de ensino-aprendizagem, pela prática pedagógica e pela atenção à cultura social de referência dos educandos no cotidiano escolar.

Acredito que o “pontapé” inicial para as questões referentes às identidades é clarificar que esta não deve ser vista como unicamente uma escolha individual, em que cada um é livre para optar por suas representações sociais, culturais, de gênero, de orientação sexual, de etnia, de religião, de geração ou de pertencimento territorial. Esse reducionismo – ou seja, entender a identidade exclusivamente em sua dimensão subjetiva ou individual – pode fortalecer visões e ações

preconceituosas e discriminatórias, na medida em que esses discursos colocam que podemos “escolher” nossa orientação sexual ou religião por exemplo. Nossas múltiplas identidades não são opções, mas sim construções relacionais que se dão num jogo difuso e complexo que se desenvolve, no tempo e no espaço, tanto com nós mesmos quanto com os outros significativos (os semelhantes) ou os outros desafiantes (os diferentes). Um jogo que jogamos como sujeitos autônomos, mas submetidos a algumas regras sociais, ou seja, jogamos e somos jogados.

As diferentes identidades culturais (territoriais, étnicas, religiosas, de gênero etc.) são representações, ou seja, construções que se dão numa rede de significados baseados na diferenciação que podem, portanto, mudar ao longo do tempo e do espaço, bem com das diferentes interações que vamos estabelecendo ao longo da vida. Cada tipo de processo de construção de identidade leva a um resultado distinto na constituição da sociedade.

No caminho investigativo aqui delineado, identidade e diferença são interdependentes e, ao mesmo, profundamente relacionadas. Nossa identificação depende do olhar do outro sobre nós e daquele que o grupo ou o indivíduo se auto-afirma. Assim, o pertencimento [territorial, geracional, étnico, religioso, de gênero ou de orientação sexual] também é essencial ao *identificar-se*. Neste sentido, foram quatro os enfoques principais dados a respeito do conceito de identidade nesta pesquisa:

- a identidade é um processo em construção no tempo e no espaço;
- a identidade é relacional;
- identidade e diferença são interdependentes;
- a subjetividade faz parte da identidade, mas não a determina totalmente.

Com relação ao conceito de território priorizado neste trabalho, este é definido também por aspectos simbólicos relacionados à noção de cultura. Tentei compreender as relações sociais e suas distintas formas de apropriação do espaço geográfico, constituindo-se assim em um híbrido entre sociedade e natureza, entre política, economia e cultura, entre aspectos físicos e as relações humanas que são possíveis e/ou determinadas por eles.

As relações de poder existentes, vão desde as econômico-políticas até ao poder mais difuso, considerado, às vezes, como simbólico ou como cultural. A atribuição de valor através das experiências e sentimentos espaciais gera a atribuição de significados culturais que levam à organização do território e à sua gestão.

Assim, a identidade territorial produz e expressa uma visão internalizada daquele grupo específico e também abrange as formas práticas e simbólicas pelas quais um grupo define e controla seu território. A maneira pela qual o grupo percebe e representa seu “outro”, aquele com quem estabelece a “fronteira” é fundamental. A relação com o “diferente” contribui para a coesão (ou não) interna do grupo identitário e diz muito acerca da identidade construída territorialmente.

A identidade pode ser construída tendo como substrato principal o território, entre outros elementos, como tão bem tem demonstrado os estudos culturais sobre gênero, orientação sexual e etnia. No entanto, o território é um constructo identitário ainda mais complexo, pois ele pode ser percebido através da comunidade, do lugar, dos movimentos migratórios e, ainda, dos processos pelos quais o fenômeno da globalização produz identidades de resistência junto às identidades territoriais minoritárias.

A principal peculiaridade nos estudos sobre as construções de identidades territoriais é a observação de como os sujeitos, em interação com o meio geográfico, percebem e questionam suas identidades, sejam elas construídas ou cristalizadas nas representações sobre os lugares e as relações espaciais.

Vale registrar que os “lugares de memória” têm grande importância para a constituição de identidades territoriais. Relembrando aqui, com relação à pesquisa de campo, que os estudantes pesquisados “ativam” claramente esses “lugares de memória” baseados na história do colégio e os utilizam na construção de suas identidades territoriais, relacionando-as com outras identidades territoriais, como os espaços e fronteiras já existentes na cidade, ou seja, morro e asfalto, zona sul e periferia, centro e subúrbio.

A análise da identidade territorial, construída tanto no cotidiano escolar quanto em outros espaços de vivências (bairros, áreas de lazer, locais de consumo

etc.), enfocando suas diversas construções subjetivas, pode ser um instrumento extremamente pedagógico para se compreender a diversidade cultural e proporcionar a construção de relações sociais mais harmônicas, que romperão as barreiras do preconceito e das discriminações de ordem sociocultural com base no território ocupado ou de origem.

Como podemos agir para que nossa prática pedagógica seja orientada pela interculturalidade e pelas diversas dimensões que o território (ocupado ou de origem) apresentam e, ao mesmo tempo, desafiam? Neste sentido, as questões sobre identidade, diferença e diálogo são essenciais e não podem desconsiderar as contribuições que uma reflexão sobre identidades territoriais pode trazer para iluminar nosso fazer educativo. A escola e outros espaços de educação podem estar mais atentos e preparados para essas temáticas. Pois, tanto os processos de ensino-aprendizagem quanto o cotidiano escolar lidam com as diferenças e representações dessas múltiplas identidades todo o tempo.

Se trabalharmos essas temáticas, na escola, esse espaço no qual crianças, jovens e adultos estão em contínuas relações e podem perceber como são construídas suas identificações, talvez possamos fazer da escola – este espaço-território – um lugar privilegiado de nos tornarmos mais empoderados, pois “quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade” (Silva, 2008, p. 91).

O que ficou ainda mais claro, pra mim, através da pesquisa realizada, especialmente da investigação levada a cabo no Colégio Constelação, é a necessidade em inserirmos no nosso cotidiano, em nossas vivências pessoais e na prática pedagógica, ações voltadas para a inter-relação com aqueles que diferem de “nós”, seja por suas inserções identitárias de gênero, etnia, religião e orientação sexual, mas, sobretudo, por sua inserção territorial, seja pelo território apropriado como seu, seja pelo território assumido como sua origem e modo de ser no mundo.

Acredito que só através da convivência, do diálogo e da tolerância haverá, de fato, uma real troca e um grande sentido de aprendizagem. Através de práticas pedagógicas mais atentas, por exemplo, à convivência, ao “se colocar” no lugar do

outro. Porém, tendo claro que talvez nunca sintamos realmente o que o outro sente, mas ao menos como exercício de com-viver e re-viver as condições da alteridade.

Acredito que o/a educador/a poderia, desde a sua formação, ser apresentado às possibilidades de se formar como professor numa perspectiva intercultural, mas infelizmente em nossas licenciaturas ainda são poucas as iniciativas de disciplinas ou atividades pedagógicas acerca desta temática. A consciência e a sensibilização dos futuros professores/as dependem muito da forma como eles/elas se percebem e atuam na sociedade enquanto indivíduos. Assim, o autoconhecimento de nossas próprias identidades (de gênero, de raça, de orientação sexual, de comunidade lingüística, de religião, de classe social e de território), que são múltiplas e dinâmicas, faz com que repensemos sobre as questões das diferenças culturais que muitas vezes naturalizamos inconscientemente.

Talvez tal proposição seja possível através dos significados presentes nas experiências, que aprendemos e desenvolvemos. Não seria diferente com as questões da interculturalidade. O reconhecimento mútuo e a tolerância fazem parte de um consciente diálogo intercultural, no qual a dimensão da territorialidade está profundamente relacionada.

A experiência da pesquisa no Colégio Constelação me ajudou na percepção da importância de trabalharmos as diversas identidades, em especial a territorial, de nossos/as educandos/as. As situações criadas, através das entrevistas coletivas, como coleta de dados para a pesquisa e as respostas a essas situações me indicaram que ainda é longo o caminho da interculturalidade numa perspectiva crítica e atenta ao território como um estruturante das identidades, que segundo Hall (2002), são fluídas e em construção permanente.

Também busquei compreender como o território escolar e os outros espaços de vivências, mais diretamente o bairro e a origem geográfica, atuam na construção de significados e representações desses jovens, influenciando, segundo argumentam Rocha (1984), Barth (1997) e Velho (1986), diretamente suas

identidades e a maneira como se relacionam com os diferentes (o grupo do outro) e os semelhantes (o grupo do eu).

Pareceu-me extremante rica a afirmação dos entrevistados/as em dizer que o Colégio Constelação possui uma intensa diversidade cultural e que devido a isso eles se vêem positivamente trocando experiências entre suas diferenças. Sem dúvida, a relação afetiva e de pertencimento, que é fundamental na construção de identidades, é identificada no cotidiano daquela escola e orienta essas identidades territoriais.

O que mais me surpreendeu foi quando ao serem questionados com relação às representações acerca dos diferentes locais de moradia de supostas personagens também estudantes do Colégio Constelação, que deveriam ser criados por eles, a troca propiciada pela diversidade cultural vivida no território do cotidiano escolar não os fizeram avançar de maneira mais significativa ou dialógica nas questões de alteridade. Eles recriaram os estereótipos dos locais de moradia dos personagens. Ficaria, então, a questão: por que e como a escola – espaço-território propício a trocas e a experiência de socialização – não consegue construir junto aos jovens estudantes novas perspectivas sobre as identidades territoriais tendo em vista que elas com-vivem intensamente neste mesmo espaço? Não foi meu intuito aqui responder tal questão, mas a registro para, quem sabe, futuras investigações.

No entanto, ao menos nos registros individuais com relação à última dinâmica proposta, os/as jovens estudantes entrevistados/as conseguiram identificar o preconceito e a discriminação contra a origem geográfica sofrida pelas personagens através do dilema moral proposto; e não foi verificada nenhuma postura favorável a esta conduta.

Quando as identidades territoriais – assim como as outras (étnica, de gênero, de orientação sexual, religiosa) – forem melhor discutidas e enfrentadas, nos currículo e nas práticas pedagógicas, sob a forma de construção de conhecimento junto aos estudantes sobre a diferença que nos constituem dignamente enquanto seres humanos, talvez possamos promover mais espaços [territórios significativos] de convivência, de diálogo, de interculturalidade, de

entendimento de como nossas múltiplas identidades são construídas histórico-culturalmente e, principalmente, de como a inter-relação e o diálogo nos empoderam numa perspectiva crítica.

Ouso propor, assim, a apreensão dos processos de construção das identidades territoriais como mais uma forma de olharmos para as questões acerca das identidades e das diferenças culturais. Acredito, ainda, que as discussões feitas nos meios acadêmicos poderiam ser extravasadas para outras instituições, tal como a escola. Daí minha preocupação com uma investigação que não fosse meramente especulativa, mas que, pelo menos, ousasse alguma alternativa, ainda que preliminar e despretensiosa. Neste sentido, tenho que admitir que com esta pesquisa redescobri mais um significado, até então oculto para mim, para a geografia, pois talvez seja através do estudo das múltiplas identidades territoriais e suas apropriações espaciais que esta disciplina possa ganhar mais significados enquanto uma área de conhecimento escolar. Talvez ainda, com mais significado, o conhecimento geográfico possa promover, a partir da escola, um melhor entendimento entre as pessoas na construção de uma sociedade mais plural.